



BRANCO E NEGRO. SEMANÁRIO ILUSTRADO – Começou a publicar-se em Lisboa a **5 de Abril de 1896**, sob a chancela da **Livraria e casa editora António Maria Pereira** (*Livraria AMP*), sediada na Rua Augusta n.º 50 a 54. A redação e a administração do jornal estavam instaladas no n.º 49 do mesmo arruamento no coração da cidade. Manteve-se **até 27 Março de 1898**, totalizando 104 números. O seu fim, não anunciado terá ficado a dever-se à doença do editor, **António Maria Pereira** (AMP)¹, que acabou por falecer a 27 de Julho de 1898.

A *Livraria AMP* já ia na 2.ª geração de proprietários – foi constituída em 1848, pelo pai de AMP que respondia exactamente pelo mesmo nome² – e era considerada um empório no seu campo de acção, o livro. Como é sabido, em Portugal, esse era ainda um mercado incipiente, por força dos baixos níveis de rendimento da maioria da população – incluindo-se aqui a pequena e média burguesia – do que resultava uma escolarização reduzida ou nula e, conseqüentemente, um analfabetismo generalizado e uma literacia não menos *vergonhosa*. A situação é conhecida e não cabe aqui aprofundá-la. Importa sim sublinhar que, por razão do processo de democratização que o país conhecia desde as revoluções liberais, o mercado do livro, ainda assim, conhecia uma progressiva expansão, em todas as suas componentes: autores, leitores, editores e edições.

O contínuo crescimento que a *Livraria AMP* registou desde 1848 dá testemunho desse estádio emergente, ainda que não se possa desmerecer a vocação ou sentido empresarial que assistia à família, sobretudo a AMP (filho), pois foi sob a sua gestão, a partir de 1880, que a empresa mais se desenvolveu, quer em termos físicos (instalações, equipamento e recursos humanos), quer no que toca à produção editorial. Além de ampliar a loja da Rua Augusta, por aquisição de um espaço contíguo, adquiriu uma outra livraria no mesmo arruamento, a que deu o nome de *Livraria Moderna*. Tornou-se proprietário da **Typographia e Stereotypia Moderna**, localizada no Beco dos Apóstolos, 11, de cujos prelos se extraiu o *Branco e Negro*. Procurou ainda expandir o negócio até ao Porto: primeiro, abriu uma sucursal da *Revista Ilustrada*³, de que foi proprietário e editor com **Mariano Level** (1856-1894)⁴, entre 1890-1892, e, pouco tempo

¹ António Maria Pereira (filho) nasceu em Lisboa a 16 de Dezembro de 1856. Ainda jovem foi iniciado no mister pelo pai e não tardou a revelar aptidão para o negócio, além de gosto pela escrita. Sob vários pseudónimos, colaborou com o *Arquivo do Povo* e no *Almanaque de Lembranças* entre 1873 a 1877. O seu primeiro projecto editorial, a *Enciclopédia Ilustrada*, foi lançado com a marca da Livraria, mas sem o conhecimento do pai. Tudo acabou em bem, deixando por memória algumas histórias curiosas. Aos 24 anos, na sequência da morte do pai, António Maria Pereira assumiu a direcção da casa, que atingirá então o seu melhor momento.

² António Maria Pereira (pai) nasceu em Lisboa, a 20/05/1824 e faleceu em Sintra, a 9/07/1880. Fez-se livreiro a pulso. Começou como aprendiz e morreu proprietário de uma Livraria e editora conceituada na praça.

³ O primeiro número da *Revista Ilustrada* saiu a 15 de Abril de 1890. A partir de Maio de 1892, os números já não especificam a data (dia/mês), o que indicia irregularidade na saída das edições. Nas suas páginas ficou registo do pensamento e a assinatura de vários autores como Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida, José Augusto Vieira, Maria Amália Vaz de Carvalho, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Serpa Pinto, Silva Pinto. Alguns anos mais tarde, muitos deles darão a sua colaboração ao semanário *Branco e Negro*.

⁴ De seu nome completo: Mariano Level Duarte. São parcas as informações biográficas sobre este personagem. Sabe-se que nasceu na Venezuela (S. Fernando de Apure) a 11 de Julho de 1856 e em algum momento veio para Portugal, onde se formou médico-cirurgião, pela Escola de Lisboa. Terminou o curso em 1883. Sete anos depois, em 1890, fundou, com o livreiro e editor António Maria Pereira, a *Revista Ilustrada*. Também fez algumas traduções para a mesma Casa. Faleceu em 1894.



depois, tentou adquirir uma livraria⁵ que, por morte de um dos sócios, se transformou em oportunidade de negócio – mas os contactos havidos não lhe correram de feição e AMP acabou por desistir. A produção editorial propriamente dita, acompanhou e beneficiou o desenvolvimento da *Livraria AMP*, consubstanciando-se num extenso catálogo, alicerçado num leque de autores conceituados, direccionado para variados públicos (incluindo o feminino, infantil e juvenil) e diferentes carteiras (coleções de luxo e económicas ou populares), abrangendo temáticas diversas como a literatura, arte, ciência, história, desporto, recreio, livro escolar, dicionários, almanaques, periódicos, etc.⁶ Uma produção que justificou a presença na **Exposição Industrial Portuguesa**, que decorreu no Palácio de Cristal, do Porto, em finais de 1897. A imprensa que deu cobertura ao evento não poupou elogios ao editor AMP considerando-o um inovador e um empreendedor sem rival: «Não tem concorrente, nem poderia ter, porque o incansável livreiro, só por si, edita mais livros que todos os seus colegas reunidos»; ou «a sua typographia, com uma secção de stereotipia, occupa diariamente a media de 40 operarios trabalhando sem parar».⁷

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No que toca à edição de periódicos, importa sublinhar que o *Branco e Negro* não foi a primeira iniciativa de AMP, desde que assumiu a direção da Livraria, em 1880. Como atrás foi referido, em Abril de 1890, começou a editar com Mariano Level a **Revista Ilustrada**, publicação quinzenal, que somou 60 números, até 1892. Pouco tempo depois, AMP assumiu-se editor da **Revista Nova**, mensário, dirigido por Alfredo da Cunha (1863-1948) e Trindade Coelho (1861-1908), do qual saíram apenas 5 números (Novembro/1893-Março/1894). Há ainda registo de algumas *démarches* de **Eça de Queirós** para convencer AMP a editar uma revista que daria continuidade ao programa da já extinta *Revista Portugal* (1889-1892). O projecto editorial, que é referido em correspondência trocada, em finais de 1894, com Alberto de Oliveira (1873-1940), que foi interlocutor de Eça junto de AMP, era assim descrito: «(...) seria uma espécie de **Magazine**, ligeiro, fácil, variado, com romances, versos, viagens, memórias, fantasias, alguma coisa no género de certas Revistas de famílias inglesas, sem excluir, está claro, os estudos de alta crítica, história e mesmo filosofia: esta Revista de 70 páginas não deveria custar mais de 200 rs., e apareceria duas vezes por mês. Suponho que tal publicação encontraria acolhimento. Ela seria, no fundo, a velha Revista de Portugal dividida em dois fascículos, e tornada mais viva, actual e movimentada. (...)»⁸ Mas a revista, que chegou a ter uma proposta de capa concebida por Roque Gameiro, nunca superou a condição de projecto delineado nas voltas da correspondência trocada entre Paris, onde Eça estava a residir, e Lisboa.

Esta breve evocação dos antecedentes do *Branco e Negro* permitimo-nos retirar duas ilações: 1.^a, que por razão do sucesso alcançado como editor e empresário, das amplas relações que

⁵⁵⁵ Tratava-se da Livraria *Lugan & Genelioux*, na Rua dos Clérigos, que, até 1885, fora propriedade do editor Ernesto Chandron e se chamara *Livraria Internacional*. Em 1894 foi adquirida pela firma *José Pinto de Sousa Lello & Irmão*.

⁶ Para um conhecimento mais detalhado da história da empresa recomendamos a leitura da obra *Parceria A. M. Pereira. Crónica de Uma Dinastia Livreira*, referida na bibliografia consultada.

⁷ Cf. *Primeiro de Janeiro e Commercio do Porto*, de 14/10/1897. As notícias dos dois periódicos encontram-se parcialmente reproduzidas no *Branco e Negro*, n.º 88, de 5/12/1897.

⁸ In «Eça de Queiroz – Correspondência», ed. Casa da Moeda, 1993, cit. em PEREIRA, António Maria – *Parceria António Maria. Crónica de Uma Dinastia Livreira*. Lisboa: Pandora Edições, Novembro de 1998, p. 80.



cultivava no mundo das letras e das artes, mas também do seu perfil como cidadão e temperamento enquanto homem, AMP foi, com alguma frequência, desafiado a assegurar a edição de novos periódicos; 2.^a, que AMP não era tentado a assumir a direção das publicações periódicas de que era proprietário e editor – aspecto que, em nossa opinião, reflecte a dimensão e complexidade que a empresa atingira, o que se traduzia no volume e na diversidade da produção que gerava.

Já vai alta a soma de caracteres e pouco se adiantou sobre o semanário *Branco e Negro*. Mas considerámos importante trazer à liça a sua filiação numa editora que já somava alguns anos de existência e que tinha como produto principal o livro, pois, em nossa opinião, isso acabou por determinar o seu programa, o alinhamento temático e, sobretudo, o naipe de colaboradores. Como se verá, os autores e as obras que faziam o catálogo da *Livraria AMP* tiveram um tratamento e uma visibilidade especiais na publicação.

DIREÇÃO, PROGRAMA E LINHA EDITORIAL

O *Branco e Negro* não fez qualquer apresentação do seu projecto editorial, nem revelou a identidade da direção ou a composição da redação. É possível que tudo tivesse sido explicado num *número espécimen*, pois essa era uma prática corrente na época: permitia testar a receptividade ao produto, assegurar um número mínimo de assinaturas, angariar anunciantes, etc. Mas em lado nenhum se encontrou qualquer alusão à sua existência.

Foi no jornal humorístico de Rafael Pinheiro, o *António Maria*, que encontrámos alguma informação. Na sua edição de 30 de Abril de 1896, fez notícia do aparecimento do novo semanário, referindo que tinha por «directores» **José Sarmiento**⁹ e **Domingos Guimarães**¹⁰, além de chamar a atenção para o facto de ser «**Baseado nos moldes do *Branco e Negro***¹¹, o **bello semanário hespanhol**», que diziam ser muito apreciado em Portugal.¹²

⁹ José de Matos Sarmiento de Beja era o seu nome completo, e nasceu em Coimbra a 20/09/1870. Na mesma cidade conclui o curso dos liceus, o que lhe bastou para iniciar uma longa carreira como jornalista, escritor e tradutor. Na imprensa, registou-se que foi chefe de redacção do *Diário de Notícias*; redactor do *Século*, *Novidades*, *O Dia* e *Jornal da Noite*; e colaborou com muitos outros títulos de natureza literária e artística, como *Serões*, *De Teatro*, *Domingo Illustrado*, *Noticias Illustrado*, *Século Illustrado*, entre outros. Também exerceu cargos na administração do Estado e no universo empresarial. Faleceu em Lisboa, a 9/11/1939.

¹⁰ Domingo Guimarães nasceu em Guimarães, no ano de 1869, mas foi no Porto que iniciou a sua carreira de literato e de publicista. Frequentou as mais seletas tertúlias, cultivando amizade com escritores e artistas mais notáveis da época. Na imprensa dedicou-se, sobretudo, à crítica de teatro e de literatura. Em finais de Outubro de 1897, mudou-se para Paris, abandonando a direcção do *Branco e Negro*. Segundo José Sarmiento, que lhe fez a despedida em nome do semanário, iria assumir a função de correspondente de alguns diários informativos (n.º 84, de 7 de Novembro de 1897). Faleceu em Guimarães no ano 1934.

¹¹ O *Blanco y Negro* foi fundado por Torcuato Luca de Tena, a 10 de Maio de 1891. Alcançou de imediato uma grande receptividade por parte do público, o que lhe valeu uma longa vida: publicou-se até 1978, em diferentes séries. Contou com a colaboração regular dos mais prestigiados homens de letras como: Ramón del Valle-Inclán, Romea e Luis Avendano, Jose Campo Moreno, Carlos Ossorio y Gallardo e Sinesio Delgado. Em 1909, em união com o diário ABC, deu origem à *Prensa Española SA*, que lançou no mercado muitos outros títulos. In [http://es.wikipedia.org/wiki/Blanco_y_Negro_\(revista\)](http://es.wikipedia.org/wiki/Blanco_y_Negro_(revista)) [Consultado em 26/01/2012]

¹² Ver *António Maria*, II Série, n.º 436, de 30 de Abril, p. 175, acessível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1896/1896_item1/P36.html



De acordo com a informação que recolhemos, a *Blanco y Negro*¹³ foi uma revista de **entretenimento e informação**, que cativou o público espanhol com uma oferta de leitura que combinava a **riqueza gráfica** e o **texto literário**, pela colaboração de reputados artistas e autores, e as **atualidades**. Portanto, um tipo de publicação **orientada para o público em geral**, ou seja, para o leitor comum, um conceito de grande elasticidade, nomeadamente em matéria de género, idade, interesses, orientação ideológica, etc. O próprio título, *Blanco y Negro*, parece querer refletir uma certa universalidade temática; também sugere a ideia de imparcialidade, ou de compromisso com o todo, com a vida nas suas expressões de contraste ou oposição.

Como se pode verificar, foram aquelas premissas que modelaram o “nosso” semanário *Branco e Negro*. Até do ponto de vista gráfico e organizacional, existem vários aspetos comuns, apesar de um se assumir como “revista” e outro se afirmar “jornal”: ambos apresentavam capa; a publicidade concentrava-se, preferencialmente, entre as capas e o corpo ou miolo da publicação; o cabeçalho na primeira página; a existência de algumas secções bem definidas; a distribuição das ilustrações por todo o corpo da publicação; e o mesmo número de páginas, 16. Mas não vamos prosseguir com nenhum estudo comparativo entre os dois periódicos – que se afigura bastante interessante, refira-se. No que toca ao tipo e à forma não restam dúvidas que estamos perante produtos semelhantes. Mas considerando que tiveram origem ou foram expressão de realidades diferentes – no caso espanhol, um grupo que se constitui para lançar um revista, que, mais tarde, deu origem a uma editora; no caso português, uma Livraria e casa editora que lança um jornal – estamos convencidos que não foram coincidentes no programa que desenvolveram. Por agora interessa-nos conhecer o semanário *Branco e Negro*, procurando uma aproximação ao seu programa, nunca explicitamente comunicado, e tentando aferir em que medida ele foi condicionado pela *Livraria e casa editora António Maria Pereira*.

A leitura cuidada dos textos publicados e a sua confrontação com o catálogo da *Livraria AMP*, sobre o qual existem, aliás, referências na última página de cada número, não deixa margem para dúvidas. Podemos ser taxativos: **o Branco e Negro propunha à leitura trechos das mais recentes edições da AMP ou daquelas que se encontravam ainda em preparação**. No caso do texto literário essa coincidência ou projeção verifica-se para a esmagadora maioria dos casos. Partindo do pressuposto da inexistência de um *número espécimen*, essa projeção do catálogo no semanário não era sempre assumida de forma clara. Veja-se, logo no primeiro número, o artigo «A Epilepsia e as pseudo-epilepsias», que faz a notícia de um lançamento, num tom de distanciamento, que sabemos artificial:

«O dr. Miguel Bombarda, lente da Escola Médica de Lisboa e director do hospital de Rilhafolles, acaba de reunir em um volume, editado pelo prestimoso livreiro, sr. Antonio Maria Pereira, as lições, professadas em curso especial, que tão justo ruído provocou quando foram feitas. (...)».

Umás páginas mais à frente, encontra-se publicado o texto «Na Azenha», assinado por **Marcelino Mesquita**, e que é acompanhado da discreta informação, em final de página e corpo reduzido: «(Do livro inédito *Na Azenha* proximo a aparecer)». O dito, já se encontrava

¹³ A Revista *Blanco y Negro* está acessível na Hemeroteca do ABC, através do endereço <http://hemeroteca.abc.es/nav/Navigate.exe/hemeroteca/madrid/blanco.y.negro/1896/04/04/022>.



abertamente publicitado, juntamente com o de **Miguel Bombarda** e outras edições, na última página daquele mesmo número.

Muitos outros exemplos se poderiam ir buscar, pois foi uma linha editorial desenvolvida pelo *Branco e Negro*, ao longo dos seus três anos de vida. Dela, retiravam benefício ou vantagem quer a *Livraria AMP*, quer a própria publicação. Para a primeira, representava uma forma de publicidade e promoção das suas edições – repare-se que a estratégia não era vender a obra na forma de fascículo, uma prática comum na época, mas sim oferecer ao leitor uma “amostra”, uma espécie de “prova de sabor” da leitura, que, se fosse bem acolhida, poderia motivar a compra da obra. **Para o *Branco e Negro* era a garantia de poder ostentar nas suas páginas a colaboração dos mais prestigiados autores, uma mais-valia que o encarecia ao olhar do público.** Ademais, esta foi uma das estratégias de afirmação mais utilizadas na época, sobretudo, pela imprensa recreativa e informativa, mais generalista.

Como não podia deixar de acontecer, a **função de canal difusor do catálogo de AMP**, fez do *Branco e Negro* um **espelho do ambiente cultural da época**, marcado pela memória recente do *Ultimatum*, pela eminência de uma derrocada financeira e, em razão de tudo isso, por um pessimismo profundo. A *intelligentia* reagiu com um **movimento de retorno à raiz da nacionalidade**, em **busca de modelo ou mote inspirador para a regeneração da Nação**. Renovava-se o interesse pelas lendas populares, pela história, pelo património, pelas tradições mais rústicas, pelo viver simples do mundo rural, etc. No campo literário, ganhavam expressão as correntes ligadas ao **decadentismo**, **neo-romantismo** e ao **neogarrettismo**, plasmadas pelo verbo de António Nobre, Guerra Junqueiro, Pinheiro Chagas, Manuel da Silva Gaio, entre outros. Muitos deles foram editados pela *Livraria AMP* e têm trechos das suas obras publicados no *Branco e Negro*.

Refira-se ainda que o Brasil foi merecedor de um tratamento especial no *Branco e Negro*, mercê da colaboração regular de autores brasileiros. A partir de Outubro 1896 abriu-se mesmo uma secção específica para a «**Litteratura Brasileira**»¹⁴ De resto, todo o século XIX foi marcado por um grande intercâmbio literário entre os dois lados do Atlântico, alimentado por uma emigração de jovens portugueses, formados, em busca de fortuna ou simplesmente de se eximir a perseguições políticas. Como era então comum na imprensa portuguesa, o “mercado brasileiro” integrava o horizonte de vendas do *Branco e Negro*, como se depreende da sua referência no preço.

Paralelamente, **desenvolveram-se os estudos etnológicos, etnográficos, antropológicos, arqueológicos, históricos** (incluindo as artes plásticas, a música, a língua, a literatura) pelo labor de Leite Vasconcelos, Martins Sarmiento, Abade Baçal, Alberto Sampaio, Adolfo Coelho, Sousa Viterbo, entre outros. Muitos destes trabalhos conheceram os prelos da tipografia da *Livraria AMP*, mas antes, foram divulgados nas páginas do *Branco e Negro*, sob a forma de notícia informativa, comentário crítico, reprodução de trecho ou anúncio publicitário.

Logo no primeiro número, de Abril de 1896, o texto «O Culto da Arte em Portugal», assinado por **Ramalho Ortigão**, apresentava, numa chamada de asterisco, a seguinte informação: «A amabilidade do illustre auctor da *Hollanda* devemos o poder mimosear os nossos leitores com este bello trecho, deliciosa *primeur* do seu novo livro *O culto da arte em Portugal*, que aparece

¹⁴ A partir do n.º 30, de 25 de Outubro de 1896, p. 55



na próxima semana, n'uma elegante edição de António Maria Pereira. (...)». O mais surpreendente é que três semanas corridas, no n.º 4, novamente sob o mesmo título, **José Sarmiento** teceu um comentário elogioso à obra, que remata com um aparente apelo aos editores, que, algum acaso feliz, tivesse feito leitor do semanário: «para o propagar e enraizar em todos os espíritos, tornava-se preciso uma edição popularíssima e barata, ao alcance de todas as bolsas, visto que a prosa, por claríssima, está ao alcance de todas as inteligências. Tente um editor este empreendimento que não será baldado o seu empenho.»¹⁵ A obra já se encontrava editada, claro, e até se encontrava publicitada entre as mais recentes edições, que eram anunciadas nas últimas páginas daquele mesmo número. Que interpretação se pode tecer sobre tão eloquente e curioso desafio?

Sublinha-se ainda a presença contínua da **secção «histórias para crianças»** (a partir do n.º 3), que era alimentada com contos de autores contemporâneos, como **Ana de Castro Osório**, **Travassos Lopes**, e muitos outros, e com **lendas populares** enviadas por leitores ou recolhidas por estudiosos. Escusado será dizer que as edições para o público infantil também faziam parte do catálogo da *Livraria AMP*.

Esta projeção do catálogo da *Livraria AMP* no *Branco e Negro*, apesar de intensa regular e variada na forma, não esgotava a sua oferta de leitura semanal. Do poço da **atualidade nacional e**, com um menor nível de incidência, **do estrangeiro** o semanário também extraía algum noticiário, reportagens, crónicas, humor gráfico e textos de natureza diversa (recensões críticas, opinião, biografias, informação, etc.). E também neste caso, contou com a colaboração dos “seus” autores. Incluía ainda uma **secção de «coisas úteis»**, com sugestões de natureza doméstica, e a **«secção recreativa»**, de cariz didático, muito centrada na ciência.

É no “bloco das atualidades” que se encontra registado, em traços tímidos, o **posicionamento ideológico** do *Branco e Negro*. Portanto, foi aqui que se fizeram sentir as pressões da **Censura**, muito ativa a partir Maio de 1896, na sequência da aprovação da famosa **«Lei contra os Anarquistas»**, de Fevereiro daquele ano. A coação fez-se sentir imediatamente sobre as duas secções reservadas ao **comentário político de sabor satírico**: a «história dos sete dias»¹⁶, assinada por José Sarmiento e ilustrada por **Celso Hermínio**¹⁷, que assegurava também a «Revista cómica semanal».¹⁸ O lápis do caricaturista terá ficado de bico rombo à custa de dar forma à prepotência do **ministério de João Franco**.¹⁹ Muitos periódicos foram encerrados, por ordem do celeberrimo Juiz Veiga. E em Julho, não fosse o diabo tecê-las, a sátira política era suspensa no *Branco e Negro*. O semanário resistiu, mas perdeu algum do contraste que prometia em título. O humor gráfico continuará presente, mas agora com um sentido mais mundano, e por conta de autores estrangeiros (reproduções) ou sob a proteção

¹⁵ Cf. n.º 4, de 26 de Abril de 1896, p. 9.

¹⁶ Aparece logo no primeiro número e mantém-se até ao n.º 6, de 10 de Maio de 1896.

¹⁷ Celso Hermínio de Freitas Branco nasceu em Lisboa, no ano de 1871. A sua obra está presente em diversos periódicos, com os quais colaborou ou que fundou, nomeadamente: *António Maria*, *Berro*, *Micróbio*, *Universal* (suplemento), *Século*, *Pátria*, *Popular*, *Marselhesa*, *Branco e Negro*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Geração Nova* (Porto), *Arte* (Coimbra), *Brasil Portugal*, *Paródia*, *Carantonha*, entre outros. Também ilustrou livros e expôs os seus trabalhos por diversas vezes. Em Outubro de 1897, partiu para o Brasil, mas manteve a colaboração com o *Branco e Negro*. José Sarmiento assume a despedida em nome do semanário e tece-lhe rasgados elogios no n.º 80, de 12 de Outubro de 1897). Celso Hermínio faleceu em Lisboa, em 1904.

¹⁸ Aparece pela primeira vez no n.º 8, 24 de Maio de 1896, mantendo-se até ao n.º 14, de 5 de Julho.

¹⁹ Cf. n.ºs 10, 12 e 14, de Junho e Julho de 1896).



de pseudónimos (tais como YAGO e SYVIO). O humor cáustico e diretamente relacionado com a realidade do país, só reaparecerá a partir de Outubro. Mas foi um processo gradual, quase hesitante, como quem “dá uma e espera para ver”... Até fim dos seus dias, o *Branco e Negro* chamou às suas páginas o humor de **Jorge Colaço**, **Leal da Câmara**, **Santos** e outros não identificados.

É evidente que a presença de algum humor num periódico generalista, dirigido a uma mancha larga de leitores, pouco esclarece sobre as suas coordenadas ideológicas. Mas estão presentes outros sinais, sentidos difusos, diluídos numa infinidade de imagens e textos de pendor naturalista, decadentista e neo-romântico que faziam desfilar pelas páginas do *Branco e Negro*, fundamentalmente, um país pitoresco, rural, católico e monárquico.

O semanário **nunca se esquecia de assinalar o 1.º de Maio**, reportando a manifestação realizada, aludindo às justas razões do proletariado e enaltecendo os líderes políticos portugueses conectados com a causa dos trabalhadores. Sempre num **registo moderado**, de quem procura reconciliar, mas **sem deixar de legitimar as razões que assistem aos explorados e alertando as consciências**:

«Entre nós, (...), onde o partido socialista militante não recruta ainda os seus membros para além do operariado manual, esta manifestação tem ainda uma grande oportunidade não só pelo movimento de sympathia que provoca em favor do proletariado, como pelas adesões que colhe nas almas mesmo d'aquellas que, representado o capital, são por natureza os antagonistas das reivindicações operarias.

.../...

Na Avenida o effeito que o cortejo produzia era na verdade magnifico. Levava tres horas a desfillar de tão extenso que era, e para aquelles que procuram com os seus olhos penetrar o mysterioso e enygmatico futuro, aquella onda enorme que, gergolando do fundo das officinas, do negror fedorento das mansardas, do interior mísero das ilhas e dos pateos ali ia, por enquanto contente e alegre, lyrica, sobraçando braços de rosas, agitando os seus allegres pendões de officio, fazia-os pensar se seria aquella mesma, que um dia talvez em vez de agitar flamulas e rosas rugidora empunhará chussos e espingardas.»²⁰

São também **valores humanistas** e de **sensibilidade social** que dão a cor a uma série de “reportagens” que fazem enfoque em instituições que prestam apoio aos mais desfavorecidos, aos deficientes, inválidos e vítimas de doença: «O Sanatório D. Luiz I» (n.º 4, 26/04/96); o «Asylo de Cegos de Castelo de Vide» (n.ºs 17 e 18, de 26/7/97 e 2/8/97); os «Abandonados!» (n.º 46, de 14/02/97); a «Real Casa Pia de Lisboa», n.º 54, de 4/04/97); o «Albergue de crianças abandonadas» (n.º 58, de 9/05/97); o «Lazareto de Lisboa» (n.º 60, de 23/05/97); «Officinas Branco Rodrigues» (n.º 101, de 6/03/98); ou que de forma mais ou menos velada denunciam abusos de autoridade – «O Limoeiro» (n.º 5, de 3/05/96) ou «A Penitenciaria Central de Lisboa» (n.º 49, de 7/03/97); a exploração do trabalho – «Como se fazem as mascaras» (n.º 48, de 28/02/97); ou conflitos laborais – «A questão do gaz» (n.º 20, de 16/8/97). Quadros carregados de um realismo dorido que contrastava com o da página

²⁰ Cf. n.º 58, de 11 de Maio de 1897.



seguinte, que podia tratar d'«A Viagem de Suas Magestades a Tancos» (n.º 7, de 17/05/96) ou do «Casamento do duque de Órleans» (n.º 34, de 22/11/96), do «28 de Setembro de Setembro. Aniversário Natalício de SS. Magestades» (n.º 78, de 26/09/97) ou do «16 de Outubro. Aniversário de S. M. A Rainha D. Maria Pia» (n.º 81, de 19/10/97), etc.

Na infindável **galeria de retratos do Branco e Negro**, que denota uma preferência pelos que se ocupam em dar sentido estético à vida, sobressaem várias **figuras ligadas aos ideais republicanos e socialistas** como o Tenente Coelho, um dos líderes da insurreição revolucionária de 31 de Janeiro de 1891, no Porto (n.º 5, de 3/05/96); Azedo Gneco, líder do partido socialista e do movimento operário (n.º 6, de 10/05/96); Anthero de Quental, escritor e filósofo (n.º 7, de 17/05/96); Silva Pinto, polemista de imprensa (n.º 15, de 12/07/96); Francisco Euzébio Leão (n.º 17, de 26/07/96); Rodrigo de Freitas (n.º 19 e n.º 20, de 9/08/96 e 16/08/96) e outros. Mas semanário **também se faz moldura de gente remediada ou mesmo humilde**, homens que são resgatados da massa anónima pelo critério da competência, da tenacidade, da coragem ou da abnegação, de que são exemplo, Anselmo Antunes de Carvalho, tipógrafo (n.º 43, de 24/01/97); Arantes Pedrozo, enfermeiro (n.º 44, de 31/01/97); Manuel Luiz Villanova, tipógrafo (n.º 54, de 4/04/97); Claudino Dias, professor (n.º 72, de 15/08/97); António Monteiro, bombeiro (n.º 86, de 21/11/97); «O comilão d' Almada», empregado numa fábrica de tijolo (n.º 14, de 5/07/96); ou Alfredo David, encadernador (n.º 97, de 6/02/98).

Este **ecletismo feroz do Branco e Negro indicia o mesmo esforço aglutinador**, a preocupação em **apaziguar antagonismos**, construir pontes entre os diferentes grupos sociais, por via do mútuo conhecimento e também do exemplo, repescando “casos” de sucesso, de reconciliação. O semanário assumia, portanto, uma **missão pedagógica, formativa**, que perspectivava a **elevação cultural e cívica** dos seus leitores e, conseqüentemente, da sociedade. Objectivo que está também subjacente em textos de índole diversa: desde os que **promovem a prática do desporto, no quadro do movimento associativo**, valorizando os benefícios para a saúde, mas também de integração social – a série «As Sociedades Portuguezas para a Educação Física», que é inaugurada no segundo número e se prolonga por alguns meses; aos que **levam ao conhecimento do leitor a organização do poder político nos países europeus** – a série «Os Parlamentos do Mundo», que abre com Inglaterra (n.º 70, de 2/06/97) e percorre um itinerário de 19 Estados.

Concluimos, pois, que o *Branco e Negro* foi um projecto editorial arrojado, que **procurou combinar dois objetivos diferentes**: um, de **natureza comercial**, que estava relacionado com divulgação e a promoção do catálogo da *Livraria AMP*; outro, de **feição mais recreativa e formativa**, que procurava inculcar nos leitores uma perspectiva de sociedade mais humana e solidária, mais democrática mas também mais empreendedora ou dinâmica. Mas essa não foi a única síntese que perseguiu. Também **procurou conciliar o ambiente cultural do país**, que se empenhava na busca do código genético da raça, **com uma postura mais aberta**, mais atenta à cultura e às experiências de outros povos, aos avanços das ciências e ao progresso. Nesse sentido, conjugou a tradição com a modernidade. Uma mensagem tão unificadora teria necessariamente por destinatário uma **ampla fasquia de público**, o que pressupunha cativar a pequena burguesia das cidades, gente remediada, alfabetizada, mas de poucos recursos. A questão do preço de venda do jornal era, portanto, central. António Maria Pereira resolveu-a conciliando na mesma publicação os dois objetivos apontados. Estratégia que lhe permitiu vender o **número avulso** do *Branco e Negro*, semanário ilustrado por reputados artistas e redigido pelos melhores escritores, por **40 réis!** – Valor bastante reduzido, quando comparado



com o que era praticado por outras publicações análogas. Para se ter noção dos valores em causa, refira-se que, na época, cada número da revista *Ocidente*, apenas com 8 páginas, embora de formato ligeiramente superior, custava 120 réis! Já o *António Maria*, também com 8 páginas, ficava por 3 vinténs, ou seja 60 réis.

Desconhece-se a **tiragem** alcançada pelo semanário, que se limitava a apregoar que era «o jornal ilustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil». Mas é indesmentível que subsistiu até à morte do editor, cumprindo as datas de publicação, apresentando sempre **publicidade** de vários anunciantes e, pontualmente, algumas inserções oficiosas. Quanto ao catálogo da Livraria somava, à data da sua morte, cerca de 700 edições²¹.

COLABORADORES

Ao longo dos três anos de edição, o *Branco e Negro* contou com um **número inusitado de colaboradores literários**, muitos dos quais já tinha o nome associado à *Livraria AMP*, por via dos periódicos anteriores (*Revista Ilustrada* e *Revista Nova*) ou por obra editada. São **mais de uma centena e meia de autores**, pelo que a colaboração com o semanário se define pela sua natureza passageira ou descontínua. De facto, se excluirmos o caso dos dois diretores ou fundadores, **José Sarmento** e **Domingos Guimarães**, os autores com mais de dois textos publicados não ultrapassa a duas dezenas. Incluem-se nesse conjunto: A. Campos (Almeida Campos?), Ana de Castro Osório (1871-1935), Adolpho Portella (1866-1923), António Júlio Valle e Sousa, BOB, Diniz Gomes, Eduardo Fernandes (Esculápio, 1870-1945), Gomes Leal (1848-1921), Henrique das Neves (Porto, 1841- Lisboa, 1915), Henrique V. de C. Marques Júnior (1881-1953), José Augusto de Castro (1862-1942), Júlio Brandão (1867-1947), Justino de Montalvão (Coelho, 1872-1949), Maria Ribeiro Arthur, Padre Sousa Freitas (1840-1913), Ramalho Ortigão (1836-1915), SYLVIO, Theodoro Rodrigues, Trindade Coelho (1860-1935), e os brasileiros, Coelho Netto (Henrique Maximiano, 1864-1934), Olavo Bilac (Rio de Janeiro, 1865-1918), Luiz Delphino (dos Santos, 1834-1910) e Luís Murat (1861-1929). Mas se quisermos acrescentar ao rol mais patriarcas da escrita que deixaram a sua assinatura no *Branco e Negro*, ainda que esporádica, havia que acrescentar: Afonso Gayo, Antero de Quental, Albertina Paraíso, Alberto Pimentel, Alice Pestana, Bulhão Pato, Carlos Malheiro Dias, D. João de Castro, Eça de Queirós, Eugénio de Castro, Fialho de Almeida, Gervásio Lobato, Guerra Junqueiro, Guiomar Torrezão, João Chagas, Júlio César Machado, Lourenço Cayolla, Marcelino Mesquita, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Pinto Carvalho (Tinop), Sousa Viterbo, Wenceslau de Moraes, Xavier de Carvalho, entre muitos outros.

Aparentemente, o painel de **colaboradores artísticos** do *Branco e Negro* também foi diversificado, até porque se distribui por diferentes artes, como seja o **desenho**, a **aguarela**, a **gravura** e a **fotogravura**. Mas a qualidade da impressão e o envelhecimento do papel tornam, hoje, a identificação das autorias e a destriça entre trabalhos inéditos e reproduções um exercício de grande dificuldade. A informação apresentada não pretende, pois, passar por recolha exaustiva e finalizada. Como já aqui referimos **Celso Hermínio** foi o caricaturista e desenhador “de serviço”, mantendo a sua colaboração mesmo depois de partir para o Brasil, entre Setembro-Outubro de 1897. No campo do humor de veia satírica há ainda a assinalar a

²¹ Cf. PEREIRA, António Maria – *Parceria António Maria. Crónica de Uma Dinastia Livreira*. Lisboa: Pandora Edições, Novembro de 1998, p. 69.



colaboração, pontual, de **Jorge Colaço, Santos e Leal da Câmara**. Com alguma frequência, reproduziam-se, a partir de periódicos estrangeiros, como o *l'illustration*, trabalhos de outros caricaturistas, mas não foi possível a sua identificação.

O *Branco e Negro* também ilustrou muitas das suas páginas com desenhos e aguarelas de **Alfredo Moraes** (Lisboa, 1872-1971), **António Julio Valle e Sousa**, **Ernesto Condeixa** (Lisboa, 1858-1933), **João Vaz** (Setúbal, 1859 -Lisboa, 1931), **Enrique Casanova** (1850-1913) e **Roque Gameiro**. Deste último, publicou-se, a partir de Novembro de 1897, uma série completa de desenhos dedicada aos «Costumes Portuguezes». A gravura fez-se representar através de artistas de renome como: **CASELLAS** (Domingos Casellas Branco), **PASTOR** (Francisco Pastor, de Alcoy/Espanha, 1850-1922) e **PEDROSO** (João Pedroso Gomes da Silva, de Lisboa, 1825-1890). O tipo de temas tratados – paisagens, monumentos, retratos, além dos motivos ornamentais – levam-nos a crer que a maioria dos trabalhos não são inéditos, mas sim reproduções. Uma casa editora como a AMP dispunha certamente de muito material gráfico, que fora adquirindo ao longo do tempo, para ilustrar as suas edições.

A **fotografia**, enquanto arte tradutora da realidade, foi adquirindo um peso crescente no *Branco e Negro*. A sua fidedignidade, rapidez de execução e baixo custo representavam certamente um grande atrativo, pelo que era preferida para complementar os textos que tratavam do presente (reportar viagens, espaços e acontecimentos). A **ilustração** domina no texto literário ou de natureza retrospectiva. No *Branco e Negro* encontram-se publicadas fotografias de um número significativo de fotógrafos e estúdios fotográficos, como **Arnaldo da Fonseca** (1868-1936?), **Atelier Magalhães & C.^a** (Porto), **Augusto Bobone** (1852-1910), **Carlos Relvas** (Golegã, 1838-1894), **João Francisco Camacho** (1833-1898), **Emílio Biel** (Porto, 1838-1951) e **Biel & C.^a** Sublinha-se ainda a publicação de material atribuído a fotógrafos amadores, que são invariavelmente identificados pelo nome.

Rita Correia,

Lisboa, 1 de Fevereiro de 2012

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Instituto Português do Livro e da Leitura, coord. Eugénio Lisboa. 3^o, 4^o, 5^o e 6^o vols. Lisboa: Publicações Europa-América, 1985. ISBN 972-1-03185-2 (v. 3), 972-1-04378-8 (v. 4) 972-1-04726-0 (v. 5) e 972-1-04779-1 (v. 6).

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

ANDRADE, Adriano da Guerra – **Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses**. 1.^a edição. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1980.

LAPA, Albino – **Dicionário de Pseudónimos**. Compilado por Maria Teresa Vidigal. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.



FRANÇA, José-Augusto – ***O Romantismo em Portugal***. Lisboa: Livros Horizonte, 3.^a edição 1999. ISBN 972-24-1066-0

MARQUES, Henrique – *Memórias de um Editor. Precedidas de um In-Memoriam*. Lisboa: Livraria-Central-Editora, 1934.

PEREIRA, António Maria – ***Parceria António Maria. Crónica de Uma Dinastia Livreira***. Lisboa: Pandora Edições, Novembro de 1998. ISBN: 972-8247-05-2.

OLIVEIRA, João Carlos – “***Os Editores e Livreiros da Geração de 70***”. In ***Dicionário da Geração de 70*** (no prelo).